

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT10.008

# CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NO QUE SE REFERE AO DISTÚRBO DE APRENDIZAGEM “DISLEXIA”

Angela Maria Cavalcante da Silva<sup>1</sup>  
Eduardo Gomes da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

A dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico que afeta diretamente o aprendizado no que se refere às habilidades de leitura. Esse distúrbio muitas vezes é confundido com uma má alfabetização e/ou com preguiça por parte do aluno. O presente trabalho com o título contribuição da psicopedagogia no que se refere ao distúrbio de aprendizagem “dislexia”, com base nos referenciais teóricos, objetiva esclarecer sobre a dislexia, a fim de orientar o trabalho do professor para que esse possa encontrar meios didáticos adequados que possam diminuir e/ou sanar as dificuldades a fim de produzir aprendizagens significativa aos estudantes disléxicos. O referido trabalho foi elaborado de forma diversificada com base em pesquisas de algumas referências de obras, sendo desta forma uma revisão de literatura, motivando a elaboração do estudo sobre a psicopedagogia e o entendimento sobre a dislexia. O material bibliográfico foi adquirido em fontes e sites de pesquisa com o google acadêmico e repositórios institucionais de várias universidades, na qual foram feitas

- 
- 1 Especialista pelo Curso de Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, angela\_catharina2016@outlook.com.br;
  - 2 Mestre do Curso de Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, eduardo.gdsilva@professor.educacao.pe.gov.br.

pesquisas ligadas diretamente ao tema trabalhado, buscando compreensão e possíveis soluções para os casos de estudantes dislexos. Tais estudos mostraram a importância de um acompanhamento específico por profissionais especializados para despertar e aprimorar os fatores cognitivos das crianças disléxicas, esses cuidados fazem com que determinados indivíduos não se restrinjam em sala de aula e não os excluam das atividades em grupos. Tendo o professor o cuidado em observar seus estudantes e acompanhar o desenvolvimento cognitivo desses, para que possa usar nas suas aulas métodos de ensino diferenciados, proporcionando o método de inclusão e quando necessário buscar ajuda com outros profissionais e familiares.

**Palavras-chave:** Dislexia. Psicopedagogia. Diagnóstico. Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

Educar é uma tarefa árdua que demanda muita dedicação e compromisso, por parte do docente, diante da heterogeneidade das salas de aulas. Sabemos que nossos alunos têm as mais diversas realidades econômicas, sociais, cognitivas. O que os levam a aprender de forma e em tempos diferentes. De acordo com De Oliveira Silva e De Oliveira (2016) os profissionais da educação, em parceria com as famílias, têm enfrentado diversas dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura e à escrita, entre elas a dislexia, a disgrafia e a disortografia.

Além disso, alguns estudantes apresentam o que chamamos de dificuldade de aprendizagem que são desordens de nível psiconeurológicas, mas também a nível social e afetivo, que interferem diretamente no rendimento durante a vida escolar, produzindo o que podemos chamar de “fracasso” e “insucesso”. “A ligação entre Educação Infantil e afetividade está presente na relação entre o/a educador/a e a criança no ambiente escolar, na qual as atitudes do/a docente poderão interferir, de forma positiva ou negativa, na formação da criança” (Bezerra; Hurgel, 2024, p. 5).

A educação caracteriza-se por um trabalho de construção contínua, na qual se faz necessário a interação de um conjunto de indivíduos, o processo de educar não é dever apenas do educador, mas da participação da família/escola. Conforme Vygotsky (1984), o aprendizado é mediado socialmente, e o papel do educador é fundamental na criação de ambientes de aprendizagem significativos, capazes de atender às diferenças individuais. A família, por sua vez, é a primeira instituição educativa e deve atuar em parceria com a escola na formação integral da criança.

A sociedade é um elemento primordial que influi nesse processo de educar e na formação de um novo elemento a ser incorporado no meio social, onde as pessoas que apresentam um bom convívio e demonstram ter uma boa relação social evidenciam ter mais facilidade de se relacionar. Além disso, construir uma síntese de informações específicas a respeito das dificuldades de leitura e escrita.

O presente trabalho, a partir de um referencial teórico pertinente, objetiva esclarecer sobre a dislexia, a fim de orientar o trabalho do professor para que esse possa encontrar meios didáticos adequados que possam diminuir e/ou sanar as dificuldades a fim de produzir aprendizagens satisfatórias aos alunos disléxicos. É de suma importância saber que essa criança possui um distúrbio genético muitas vezes. Isso ocorre e ocasiona uma desordem de informações que possa atrapalhar no processo de aprendizagem da criança (De Oliveira Silva; De Oliveira, 2016). Outros casos de dislexias estão relacionados aos fatores afetivos, emocionais, sociais e pedagógicos.

Sabemos que a leitura é essencial para que tenhamos êxito na vida em sociedade e para que possamos ascender socialmente. Porém, muitas das pessoas tardam a apropriar-se da leitura e da escrita. Isso pode ser um indício de um distúrbio que denomina dislexia. Sabendo disso, cabe ao professor, conhecer os indícios desses distúrbios a fim de planejar aulas que atendam as especificidades desses alunos e assim faça que estes tenham desenvolvimento satisfatório.

Segundo Polese *et al.* (2011, p. 3) mostra que entender como aprendemos e o porquê de algumas dificuldades de aprendizagem é um desafio diário para muitos professores e até alguns pais, quando acompanham o desenvolvimento de seus filhos. Uma das dificuldades mais observadas e comuns é a Dislexia, esta que é uma dificuldade específica em leitura.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as contribuições da Psicopedagogia frente à dislexia, destacando a importância de um olhar atento do professor e da equipe escolar para as manifestações desse distúrbio e a necessidade de estratégias pedagógicas inclusivas que favoreçam o desenvolvimento pleno do estudante disléxico.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### DISLEXIA: CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO

A dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico que afeta diretamente o aprendizado no que se refere às habilidades de leitura. Esse distúrbio muitas vezes é confundido com uma má alfabetização e/ou com preguiça por parte do aluno. “O transtorno específico de aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com origem biológica que é a base para anormalidades em nível cognitivo que estão associadas aos sinais comportamentais do transtorno” (Cipriano; Souza, 2024, p. 129). A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 1994) reforça que a dislexia é caracterizada por dificuldades persistentes na identificação precisa e/ou fluente das palavras, e na capacidade de decodificação e soletração, resultantes de um déficit no componente fonológico da linguagem.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 1994) descreve a dislexia como uma dificuldade específica da linguagem, caracterizada pela deficiência na decodificação de palavras simples, não compatível com a idade e o nível de inteligência do indivíduo. Estudos recentes reforçam que a dislexia não é uma doença, mas uma diferença neurocognitiva que impacta a forma como o cérebro processa informações linguísticas (APA, 2014).

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida à instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídas problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar (ABD, 1994).

Portanto, é de suma importância sabermos que a dislexia não é uma doença, mas, um distúrbio muitas vezes genético ou neurológico, preguiça, uma má alfabetização ou falta de atenção. A falta de informação inibe consequentemente o processo, de entender e identificar o caminho correto a seguir. Em muitos casos, seus sintomas variam de acordo com o número de transtorno em diferentes associações: apresenta inúmeras dificuldades em associar a escrita com o som que se trata no ato (Cipriano; Souza, 2024).

Sendo assim um distúrbio, e que vai acarretar e interferir com a aprendizagem de uma pessoa, é de suma importância como percebe os números, letras e símbolos. O diagnóstico deve e precisa ser acompanhado por um profissional, mas na muitas vezes é seu professor que observa e direciona o tratamento caso haja necessidade, em alguns casos em sala de aula os alunos sentem dificuldade em identificar alguns fonemas, em memorizar novas palavras e possui uma coordenação motora muito relevante.

Entretanto, desmembrando a palavra dislexia, de imediato percebe-se que tem um significado sentido: DIS = Distúrbio ou dificuldade; LEXIA = Leitura (do latim) e linguagem (do grego). Desta forma, DISLEXIA é o Distúrbio de linguagem.

De Oliveira Silva e De Oliveira (2016) afirmam que os fatores psicomotores e sensoriais podem se correlacionar (indícios) de dislexia, pelos quais os educadores ao observar tais fatores podem encaminhar a profissionais especializados como os psicopedagogos. Os referidos autores ainda relatam quem alguns transtornos de aprendizagem relacionada a leitura podem ser descritas pelos fatores que afetam a motricidade geral, a orientação direita-esquerda, a percepção temporal, a organização perceptiva, o esquema corporal e a lateralidade.

## CAUSAS DA DISLEXIA

A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem de origem neurobiológica que interfere no processo de leitura e escrita. Pesquisas

apontam que suas causas envolvem fatores genéticos, neurológicos e ambientais. Geralmente a criança disléxica apresenta maior relevância na “alfabetização”. Quanto mais de imediato descobrir a dislexia melhor o tratamento e o cuidado com a criança, podendo assim, evitar rotular e até prevenir situações constrangedoras, considerando que a criança não tenha um mau relacionamento com os colegas de classe. “A dislexia não é causada por uma deficiência intelectual geral, por isso é designada e classificada como sendo uma dificuldade específica da linguagem. Também não é causada por limitações socioculturais ou por fatores emocionais” (Polese, *et al.*, 2011, p. 8).

Pesquisas contemporâneas têm apontado que a dislexia possui origem multifatorial, envolvendo componentes genéticos, neurológicos e ambientais. Bezerra e Gurgel (2024) destacam que cérebros de pessoas disléxicas processam informações em áreas diferentes das observadas em leitores típicos, sem, contudo, apresentarem anormalidades estruturais. Os autores dizem que “provavelmente a dislexia resulta de falhas nas conexões cerebrais. Portanto, as causas mais prováveis da dislexia são neurológicas e genéticas”.

Uma criança disléxica não quer dizer que a mesma não seja inteligente, sabendo que seu QI é supernormal ou até mais elevado que uma criança comum. Em muitos casos o próprio docente psicopedagogo detecta uma falta de acompanhamento do aluno disléxico. É preciso que os pais fiquem atentos nas fases de desenvolvimento de seus filhos, existem várias observações que podem ser importantes podendo ser observadas nas causas da dislexia, algumas pesquisas científicas recentes e até neurobiológicas concluíram que tais causas, mas óbvia é que possa ocorrer tanto em um acriança pequena ou até mais velha, dá-se pela deficiência na fala e um índice muito alto na percepção fonética.

Quando se dá a outros casos na família, pode ocorrer uma comprovação de genética, desta forma, confirmando casos denominados hereditário, a criança precisa precocemente ser observada com mais cau-

tela a partir dos 5 anos de idade, podendo trazer respostas mais positivas a fim de amenizar e superar essa dificuldade.

Polese, *et al.* (2011, p. 8) mostra que “embora os cérebros dos disléxicos processam informações em uma área diferente do cérebro das pessoas que não são disléxicas, seu cérebro é perfeitamente normal”. O mesmo autor diz que “provavelmente a dislexia resulta de falhas nas conexões cerebrais. Portanto, as causas mais prováveis da dislexia são neurológicas e genéticas”.

A maneira em que é apresentada e discriminada fonologicamente falando leva à criança disléxica por inúmeras vezes fazer a pronúncia errônea das palavras. Schirmer, *et al.* (2004, p. 100) mostra que vários são os fatores ainda em estudo que descrevem as causas da dislexia de desenvolvimento entre eles, déficits cognitivos, fatores neurológicos (neuroanatômicos e neurofisiológicos), prematuridade e baixo peso ao nascimento, influências genéticas e ambientais.

Além dos aspectos biológicos, condições emocionais e ambientais também podem agravar as dificuldades de leitura e escrita. Conforme Bezerra e Gurgel (2024), a afetividade e o ambiente escolar são determinantes para o desenvolvimento cognitivo, o que evidencia a importância de práticas pedagógicas que promovam segurança e autoestima.

## SINTOMAS E MANIFESTAÇÕES

A pessoa disléxica apresenta sintomas que variam de acordo com o grau do distúrbio e com as condições pedagógicas e emocionais em que está inserida. Em geral, o disléxico apresenta dificuldades na decodificação de letras e palavras, confundindo-as no momento da leitura, o que interfere diretamente na alfabetização e na compreensão textual. O processo de associação grafia-fonema (letra-som), que para a maioria das pessoas ocorre naturalmente, torna-se um desafio para os indivíduos com dislexia, resultando em lentidão na leitura, omissão ou troca de letras, dificuldade na soletração e na escrita de palavras novas. Tais dificuldades não

se restringem à leitura, mas comprometem também a produção escrita, ocasionando trocas e esquecimentos de letras, além de interferir no ritmo de aprendizagem.

Segundo Ianhez e Nico (2002) e Cuba dos Santos (1987), listam alguns sinais e alguns sintomas que ocorrem de quem tem dislexia. Existe uma lista, onde citam várias questões como:

- Desempenho inconstante;
- Demora na assimilação da leitura e da escrita;
- Lentidão nas atividades escritas, mas bom desempenho nas orais;
- Dificuldade com os sons das palavras e com a soletração;
- Escrita incorreta, com trocas, omissões e aglutinações de fonemas;
- Dificuldade em associar o som ao símbolo gráfico;
- Problemas com rimas;
- Repetição de erros semelhantes;
- Confusão de rótulos e símbolos visuais;
- Dificuldades em cálculos mentais e no reconhecimento de sequências numéricas.

Esses sintomas variam conforme o nível de severidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes na fase de alfabetização, quando a criança começa a lidar sistematicamente com a leitura e a escrita. Conforme Santiago e Omodei (2016), a presença desses sinais deve ser cuidadosamente observada, pois o baixo rendimento escolar pode estar associado a um quadro disléxico, e não à falta de interesse ou esforço do estudante. Os autores reforçam que a dislexia não impede ninguém de aprender; pelo contrário, muitos disléxicos são altamente criativos, intuitivos e apresentam inteligência acima da média, desde que recebam acompanhamento adequado.

A observação dos sintomas exige um olhar sensível e contínuo do professor, do psicopedagogo e da família. Cada estudante manifesta dificuldades específicas, e a intensidade dos sintomas depende de fatores

como o ambiente escolar, os estímulos recebidos e a qualidade das intervenções. Cipriano e Souza (2024) explicam que as alterações fonológicas e perceptivas comprometem a fluência e a compreensão leitora, mas ressaltam que, com o uso de estratégias psicopedagógicas adequadas, é possível desenvolver as competências de leitura e escrita de modo eficaz e prazeroso.

Bezerra e Gurgel (2024) destacam que a afetividade é um componente indispensável para o avanço cognitivo. Um ambiente acolhedor e empático reduz a ansiedade, estimula a autoconfiança e favorece a expressão das dificuldades. Quando o aluno se sente compreendido e apoiado, ele tende a participar mais das atividades, expondo seus desafios sem medo de julgamento. Esse vínculo positivo entre professor e aluno é um dos pilares para o diagnóstico precoce e para a criação de estratégias personalizadas de aprendizagem.

De acordo com Santiago e Omodei (2016), as práticas psicopedagógicas devem incorporar os princípios da neuroeducação, integrando experiências sensoriais, cognitivas e emocionais. Atividades que envolvem som, movimento, ritmo e manipulação de materiais concretos fortalecem a memória fonológica e a percepção auditiva – processos fundamentais para o domínio da leitura e da escrita. A aprendizagem deve ser vista como uma experiência integral, em que o corpo, a mente e a emoção se unem para construir o conhecimento.

Além das abordagens presenciais, as tecnologias educacionais adaptativas vêm ampliando as possibilidades de intervenção. Berndt e Teixeira (2024), demonstram que softwares de leitura, aplicativos gamificados e plataformas interativas de alfabetização têm contribuído significativamente para o desenvolvimento da fluência leitora e da compreensão textual em crianças disléxicas. Esses recursos favorecem o aprendizado autônomo, permitem feedback imediato e tornam as atividades mais lúdicas e motivadoras.

O diagnóstico, contudo, deve ser sempre realizado de forma multidisciplinar, envolvendo psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos e

professores. Essa equipe é responsável por avaliar as habilidades cognitivas, linguísticas e emocionais da criança, definindo o grau da dificuldade e propondo estratégias de intervenção. Santiago e Omodei (2016) enfatizam que a colaboração entre profissionais e escola é indispensável para garantir um acompanhamento eficaz e contínuo, reduzindo o impacto do distúrbio no desenvolvimento acadêmico e social do aluno.

O papel do professor é determinante nesse processo. Cabe-lhe observar atentamente o comportamento de leitura e escrita dos alunos, registrar suas dificuldades e buscar apoio especializado sempre que necessário. Segundo Bezerra e Gurgel (2024), a relação pedagógica deve se basear na empatia e no respeito ao ritmo de cada estudante, evitando comparações e rótulos. O dislético pode ter avanços lentos e até regressões momentâneas, mas o acompanhamento constante e a valorização dos progressos são fatores essenciais para sua evolução.

Por fim, a escola deve assumir a responsabilidade de promover um ambiente de aprendizagem inclusiva, que reconheça a dislexia como uma forma singular de aprender, e não como uma limitação. O desafio está em transformar as dificuldades em oportunidades, adotando metodologias diferenciadas, jogos pedagógicos, leitura compartilhada e atividades artísticas que despertem o interesse do estudante. Quando há cooperação entre educadores, família e equipe psicopedagógica, é possível construir uma trajetória escolar mais justa, humana e transformadora. Assim, como defendem Bezerra e Gurgel (2024), a afetividade e o respeito às singularidades são condições indispensáveis para o florescimento do potencial de cada aluno, garantindo-lhe o direito de aprender com dignidade e autonomia.

## A DISLEXIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM

A dislexia quando não diagnosticada, ou até mesmo quando não se tem uma atenção específica pode acarreta inúmeros fatores negativos, uma delas relaciona diretamente no desenvolvimento da criança.

O assunto abordado caracteriza-se como o transtorno da leitura e escrita, na qual interfere na rentabilidade que a escola pretende obter, muitas vezes tais transtornos despertam nessas crianças um aspecto de inferioridade relacionada à sua faixa etária.

A aprendizagem, capacidade de processar, armazenar e usar a informação é, portanto, uma função cerebral. No caso da leitura, processo altamente complexo, estão envolvidos tanto aspectos neurológicos como sensoriais, psicológicos, sócio-culturais, socioeconômicos e educacionais, dentre outros. Portanto, um único profissional não basta para analisar esses vários aspectos e fornecer diagnóstico preciso e seguro (Pestun *et al.*, 2002, p. 328).

Existem vários casos específicos que se relaciona com a dislexia na qual segundo Boder (1973) citado por Pestun *et al.* (2002, p. 328) distingui-se três tipos específicos: disfonéticos, diseidéticos e mistos, essa classificação se baseia nos tipos de erros produzidos nas diversas condições de leituras.

O disfonético possui características que admitem uma boa leitura com o uso de palavras na qual esses possuem mais afinidades, esses adquirem uma memorização visual de tais palavras. Desta forma os disfonéticos podem até tentar adivinhar boa parte do contexto, como por exemplo, a letra inicial da palavra. O diseidéticos apresenta uma leitura mais lenta, sendo de forma mais trabalhosa, porém correta, em relação à decodificação fonética. Esses apresentam afinidades com palavras familiares ou não familiares na hora da leitura. O dislexo misto demonstra dificuldades que se relaciona com as características já citada pelos dois exemplos, podendo ainda expressar confusões espaciais (Pestun, *et al.*, 2002, p. 329).

O professor deve trabalhar em parceria com o psicopedagogo com a finalidade de averiguar e analisar os possíveis déficits presentes em sala de aula, pois a partir de uma conclusão concreta pode-se trabalhar de maneira especial com o determinado aluno (Bezerra; Hurgel, 2024).

Crianças dislexa não devem ser avaliadas de forma semelhante aos demais alunos, mas deve-se trabalhar atividades em que essas consigam

ser inseridas, em nenhuma hipótese esses indivíduos podem ser excluídos das atividades pelo contrário o educador tem o dever de inserir meios na qual todas as crianças consigam se relacionar de forma prazerosa. Bezerra e Gurgel (2024) reforçam que o professor, ao lado do psicopedagogo, deve desenvolver metodologias que valorizem o potencial do aluno e não apenas suas limitações.

## TRATAMENTO E ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

Infelizmente a cura para tal distúrbio genético não se tem, porém existe tratamento que é um processo longo e lento, onde se exige muita persistência, mas para se ter tratamento é necessário que se tenha um diagnóstico.

De acordo com Souza (2011, p. 19) não existe medicamentos que cure a dislexia, de fato que, a mesma caracteriza-se como um distúrbio e não uma doença. O mesmo autor esclarece que essa pode se manifestar com outros quadros, em comorbidade (ao mesmo tempo), com alergias, ansiedade e hiperatividade, visto que na presença desses quadros pode ser utilizado algum tipo de remédio.

O diagnóstico mais específico é dado por profissionais de diversas áreas como: professor, psicopedagogo e psicólogo, e em alguns casos um fonoaudiólogo, pois estes são capazes de identificar se a criança é disléxica. Vale ressaltar que é importante o diagnóstico e tratamento precoce possível, pois, dessa forma haverá menos prejuízos tanto no meio social quanto na vida escolar da criança. “Conhecer, estudar e entender a Dislexia é fator decisivo para ajudar no tratamento da criança a fim de tornar o processo de ensino aprendizagem mais significativo e adequado” (Polese *et al.* 2011, p. 3). Esses autores ainda acrescentam que o uso de práticas ludopedagógicas e estratégias baseadas em neurociência contribui significativamente para o avanço da alfabetização de crianças com dislexia.

O professor é um dos principais agentes que contribui em uma boa recuperação do aluno disléxico, esse profissional deve esclarecer em sala

de aula às dificuldades que determinado aluno possui, orientando e despertando aos demais elementos formas de respeito e compreensão com o colega, deixando participar das brincadeiras e não o excluído.

Os pais também são instrumentos específicos que também contribui no melhor desenvolvimento dos filhos disléxico, por meio de acompanhamentos no desenvolvimento da leitura, escrita e nomeio comportamental (Bezerra; Hurgel, 2024). Os educadores no processo de tratamento de seus alunos devem propor atividades e dinâmicas que estimulem os fatores auditivos, visuais e que contribua no processo de memorização.

“A principal indicação atual para o tratamento de crianças com dificuldades de linguagem escrita é a intervenção direta nas habilidades de leitura, associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem” (Schirmer *et al.*, 2004, p. 102). Polese *et al.* (2011, p.15) fala que é importante e fundamental que o disléxico seja ajudado e tratado, com instrução adequada e personalizadas para poder estudar, senão corre riscos de permanecer analfabeto ou semialfabetizado, o que pode deixá-los excluídos de algumas profissões e vocações que exijam preparação acadêmica.

## O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO COM DISLEXIA

O psicopedagogo desempenha um papel essencial como mediador entre os processos cognitivos, afetivos e sociais da aprendizagem, atuando na interface entre o sujeito e o conhecimento. Diniz (2011) ressalta que a função central desse profissional é compreender como o aluno aprende, considerando as relações entre sujeito, conteúdo e meio, além de identificar os obstáculos que interferem nesse processo. A intervenção psicopedagógica, portanto, não se limita à correção de dificuldades, mas busca reconstruir o vínculo do estudante com o ato de aprender, ressignificando experiências escolares anteriores e promovendo o prazer pelo conhecimento.

A psicopedagogia entende a aprendizagem como um fenômeno multifatorial, em que aspectos emocionais, cognitivos e socioculturais se

entrelaçam. Nesse sentido, o psicopedagogo atua na escuta, na observação e na análise das manifestações da criança, a fim de compreender a origem de suas dificuldades e elaborar estratégias de intervenção personalizadas. A educação, como destaca Bezerra e Gurgel (2024), é um processo de socialização essencial à formação do indivíduo, exigindo que a escola promova interações pautadas no respeito e na afetividade. Assim, o psicopedagogo torna-se um elo entre professores, alunos e famílias, buscando construir parcerias colaborativas que favoreçam o sucesso escolar e o desenvolvimento integral dos estudantes com dislexia.

No contexto da dislexia, a atuação psicopedagógica deve ter caráter preventivo e interventivo. Na dimensão preventiva, cabe ao profissional orientar professores e familiares quanto aos sinais precoces do distúrbio, estimulando a detecção e o encaminhamento adequados. Já na dimensão interventiva, o psicopedagogo elabora e aplica estratégias específicas de reeducação da leitura e escrita, com base nas dificuldades apresentadas pelo aluno, promovendo o avanço gradual em seu processo de alfabetização (Cipriano; Souza, 2024). Entre as metodologias mais utilizadas estão o uso de jogos fonológicos, atividades lúdicas, leitura compartilhada, recursos visuais e tecnológicos, além de práticas que envolvem movimento e ritmo para fortalecer a memória fonológica.

O psicopedagogo também atua como facilitador das relações interpessoais, estimulando o convívio social saudável e a cooperação entre os estudantes. Cipriano e Souza (2024) destacam que a integração do aluno disléxico ao grupo fortalece sua autoestima e reduz os riscos de exclusão. Esse trabalho envolve a criação de um ambiente igualitário, onde a diversidade é reconhecida como valor e não como obstáculo. O psicopedagogo deve orientar o corpo docente para evitar práticas discriminatórias e, ao mesmo tempo, sensibilizar os colegas de turma, promovendo atitudes de empatia e solidariedade.

O ambiente de aprendizagem, quando acolhedor e afetivo, contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno com dislexia. Segundo Marques (2005), o fortalecimento da autoes-

tima e a utilização de atividades lúdicas, artísticas e expressivas auxiliam a criança disléxica a estabelecer uma relação mais segura com a escrita, promovendo a autoconfiança e o senso de pertencimento. Essa perspectiva é corroborada por Berndt e Teixeira, (2024), que afirmam que a ludopedagogia, ao unir emoção e cognição, potencializa os processos de aprendizagem de alunos com dificuldades específicas.

Atualmente, há consenso na literatura de que a atuação psicopedagógica deve estar alinhada aos princípios da neuroeducação e da aprendizagem significativa, áreas que ampliam o olhar sobre o funcionamento cerebral e as formas de estimular o aprendizado. Dos Santos e Sousa (2016) ressaltam que o psicopedagogo precisa compreender o funcionamento dos processos neuronais da leitura e da escrita para planejar intervenções eficazes. A neuroeducação fornece subsídios para a criação de práticas que integram emoção, cognição e experiência sensorial, favorecendo o desenvolvimento das habilidades linguísticas em alunos disléxicos.

Além disso, pesquisas recentes apontam que o uso de tecnologias assistivas e recursos digitais interativos tem sido um importante aliado no trabalho psicopedagógico. Berndt e Teixeira (2024), observaram que aplicativos de leitura adaptativa e softwares de apoio à alfabetização contribuem para o progresso da fluência e da compreensão textual em alunos com dislexia. Essas ferramentas, quando integradas a um plano psicopedagógico, ampliam as possibilidades de intervenção e tornam o aprendizado mais dinâmico e atrativo.

O psicopedagogo também precisa considerar o contexto sociocultural e o histórico escolar do aluno, pois as dificuldades de aprendizagem não se restringem apenas a fatores neurológicos. A falta de estímulo, a ausência de afetividade, o preconceito e o uso de metodologias tradicionais e pouco interativas podem agravar os sintomas da dislexia. Nesse sentido, Marques (2005) defende que o sucesso da intervenção depende da criação de um ambiente inclusivo, em que o erro é visto como parte do processo de aprender e o aluno é constantemente incentivado a descobrir suas próprias estratégias cognitivas.

Outro ponto fundamental é o trabalho conjunto com a equipe pedagógica e a família. O psicopedagogo deve orientar os pais sobre a importância do acompanhamento diário, do incentivo à leitura em casa e da valorização dos pequenos progressos do filho. Ao mesmo tempo, precisa dialogar com os professores, sugerindo adaptações curriculares e metodológicas que respeitem o ritmo de aprendizagem do estudante. Essa atuação colaborativa reflete o que Santos *et al.* (2025) chamam de “ecossistema psicopedagógico”, em que todos os envolvidos na educação da criança compartilham responsabilidades e metas comuns para o desenvolvimento integral do aprendiz.

Dessa forma, o trabalho psicopedagógico com a dislexia assume uma dimensão transformadora, pois ultrapassa o campo clínico e se insere nas práticas pedagógicas inclusivas. Trata-se de um fazer que alia conhecimento científico, sensibilidade humana e compromisso social, contribuindo para a consolidação de uma escola mais justa e acolhedora. Com o uso de metodologias interativas e personalizadas, o psicopedagogo possibilita que estudantes com dislexia desenvolvam não apenas competências cognitivas, mas também autoconfiança, autonomia e capacidade de superação.

Em síntese, o papel do psicopedagogo é promover a aprendizagem significativa, reconstruindo a relação do sujeito com o saber e assegurando o direito de aprender em sua plenitude. Sua atuação, baseada em fundamentos da neuroeducação, da ludicidade e da afetividade, transforma a escola em um espaço de inclusão real, no qual a diversidade é compreendida como potência e não como limitação.

## A PRÁTICA DOCENTE E A INCLUSÃO DO ALUNO DISLÉXICO

As dificuldades escolares para um aluno com dislexia são muitas vezes multifatoriais, com muitas delimitações, podendo prejudicar seu comprometimento nas suas habilidades, sabemos que a atenção é a porta de entrada para e onde podemos então armazenar sua compreensão daquilo que se foi visto.

Segundo Marques (2005, p. 26) independente dos métodos de alfabetização, o aluno disléxico é aquele que mais precisa de apoio, auxílio e competência do professor. O referido autor fala que mesmo com todos os procedimentos adequados em sala, o desenvolvimento não ocorre no tempo do restante do grupo frustrando o professor, a criança e a família.

A legislação educacional não é tão específica quando se trata de um aluno com dislexia e os distúrbios em se que se refere à dificuldade de aprendizagem, referem-se apenas à inclusão escolar como direito, a dislexia antes de qualquer definição, tem seu jeito próprio de ser e de aprender, se reflete na sua expressão individual, onde se aprende de maneira diferente mas, que não está contemplada nos casos mais específicos em atendem o AEE (Atendimento Educacional Especializado), tornando um cidadão comum, é de suma importância e necessidade que se promova adaptações e flexibilidade no currículo escolar, onde as didáticas, avaliações e os recursos metodológicos fossem inseridos no projeto político pedagógico da escola (PPP) (Bezerra; Gurgel, 2024). Tais medidas garantem o direito à aprendizagem e evitam que o aluno disléxico seja estigmatizado ou excluído.

Considerando ainda, já que não há uma legislação específica, seria a escola a criar uma parceria com os familiares e tentar procurar um profissional especializado, caso se faça necessário, ajudando diversas crianças a superarem diversas dificuldades cognitivas e assim garantir a inclusão e respeitando o seu tempo de aprendizagem.

Nos últimos anos, políticas públicas e pesquisas (UNESCO, 2019) têm reforçado a importância da formação continuada dos professores para o atendimento de alunos com transtornos de aprendizagem, incluindo a dislexia. A escola, em parceria com as famílias e profissionais especializados, deve promover uma cultura de empatia, paciência e valorização das diferenças.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo revisão bibliográfica de caráter exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica busca compreender um fenômeno a partir da análise de produções científicas já existentes, permitindo a reflexão crítica sobre teorias e práticas. Tal método foi adotado por possibilitar o aprofundamento do tema dislexia sob a ótica da psicopedagogia, identificando avanços, desafios e contribuições recentes para a prática docente.

A investigação partiu da seguinte questão norteadora: Quais são as principais contribuições da Psicopedagogia no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com dislexia, considerando as perspectivas teóricas e práticas atuais? Para responder a essa questão, buscou-se reunir e analisar produções científicas que abordassem a intersecção entre dislexia, psicopedagogia, inclusão escolar e práticas docentes.

A coleta de dados foi realizada entre fevereiro e maio de 2025, utilizando bases acadêmicas como Google Scholar, Scielo, ERIC, Redalyc e repositórios institucionais de universidades brasileiras. Foram empregados descritores em português e inglês, tais como: “dislexia”, “psicopedagogia”, “dificuldades de aprendizagem”, “inclusão escolar”, “neuroeducação” e “learning disorders”.

Como critérios de inclusão, selecionaram-se publicações de vários anos, com prioridade para artigos revisados por pares, dissertações, teses e anais de eventos científicos nacionais. Excluíram-se textos opinativos, sem fundamentação científica ou sem relação direta com o objeto de estudo.

Após a coleta, o material foi submetido a uma análise de conteúdo temática, conforme as orientações de Bardin (2016), que propõe a sistematização de categorias analíticas. Nesse processo, emergiram quatro eixos principais de análise:

1. Compreensão conceitual da dislexia;

2. Aspectos psicopedagógicos e neurológicos do distúrbio;
3. Práticas pedagógicas inclusivas e o papel do professor;
4. Contribuições da psicopedagogia para o diagnóstico e intervenção.

Esses eixos orientaram a organização teórica e discursiva do artigo, possibilitando articular o campo da psicopedagogia com a neurociência e com as políticas educacionais de inclusão vigentes. A abordagem qualitativa permitiu interpretar os dados de forma reflexiva, buscando conexões entre as produções teóricas e a realidade das práticas pedagógicas observadas nas escolas brasileiras.

Conforme Mineiro, Mara e Ferreira (2022), a pesquisa qualitativa tem o papel de “compreender significados e relações” e, por isso, revela-se adequada quando se busca analisar fenômenos humanos em profundidade. Assim, a metodologia adotada favoreceu uma leitura crítica sobre a atuação psicopedagógica frente à dislexia, oferecendo subsídios teóricos e práticos que podem orientar futuras investigações e intervenções educativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas, compreende-se que a dislexia não se trata de uma doença, mas sim de um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurobiológica, que interfere diretamente na leitura, escrita e compreensão textual. Por essa razão, não é possível tratá-la por meio de medicamentos, mas sim por intervenções pedagógicas e psicopedagógicas adequadas, capazes de favorecer o desenvolvimento cognitivo e linguístico do estudante. Tal entendimento contribui para a quebra de estigmas que ainda associam o baixo desempenho escolar à falta de interesse ou esforço por parte do aluno.

Os estudos revisados evidenciam que a dislexia está relacionada a fatores genéticos e neurológicos, e, portanto, requer uma atenção diferen-

ciada no contexto escolar. O acompanhamento contínuo de profissionais especializados – como psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos – é essencial para promover o aprimoramento das habilidades cognitivas e comunicativas, possibilitando que a criança avance em seu próprio ritmo e seja reconhecida por suas potencialidades. Quando o aluno disléxico recebe o suporte necessário, ele é capaz de superar limitações iniciais e desenvolver competências significativas de leitura e escrita, revelando-se, muitas vezes, criativo e capaz de solucionar problemas de forma original.

A escola desempenha papel central nesse processo. Cabe ao professor manter um olhar atento e sensível diante das diferenças individuais, observando sinais que possam indicar a presença da dislexia, sem, contudo, rotular ou reduzir o aluno a uma dificuldade. O docente deve atuar como mediador da aprendizagem, ajustando metodologias, flexibilizando atividades e oferecendo recursos visuais, auditivos e tecnológicos que facilitem a assimilação do conteúdo. Além disso, o trabalho em equipe interdisciplinar fortalece o diagnóstico e a intervenção, uma vez que permite compreender o estudante em sua totalidade – considerando seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

As atividades lúdicas, artísticas e jogos educativos destacam-se como estratégias eficazes para estimular o aprendizado e tornar o processo pedagógico mais prazeroso. A ludicidade, ao integrar emoção e cognição, favorece o desenvolvimento da autoestima e da confiança do aluno disléxico, permitindo que ele participe ativamente das experiências escolares. Assim, o professor e o psicopedagogo tornam-se agentes de inclusão e transformação, criando ambientes de aprendizagem mais humanos, empáticos e produtivos.

Outro aspecto relevante é a participação da família. Os pais devem estar atentos ao comportamento e às dificuldades de leitura e escrita dos filhos, buscando orientação e apoio especializado sempre que necessário. O envolvimento familiar é fundamental para fortalecer o vínculo emocional da criança com a aprendizagem e evitar situações de isolamento, rejeição ou bullying. Quando escola e família caminham juntas, a inclusão

se torna mais efetiva e o aluno encontra segurança para desenvolver seu potencial.

Portanto, a dislexia deve ser compreendida não como uma limitação, mas como uma forma singular de aprender e processar o mundo. O desafio da escola e da psicopedagogia contemporânea é transformar a diversidade cognitiva em oportunidade educativa, respeitando o tempo e o modo de aprender de cada sujeito. Diagnósticos precoces, práticas pedagógicas inclusivas e o trabalho cooperativo entre professores e especialistas constituem os pilares para uma educação que reconhece a diferença como parte essencial da condição humana e promove, de fato, o direito de todos à aprendizagem significativa e emancipadora.

## REFERÊNCIAS

ABD - **Associação Brasileira de Dislexia**. 1994. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNDT, Juceleia Cristina Silva; TEIXEIRA, Lovania Roehrig. O uso gamificação para sanar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental anos iniciais. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 4, n. 16, p. 246-265, 2024

CIPRIANO, Marta Maria dos Santos; DE SOUZA, Francisca Vilani. A relação existente entre a dislexia e as dificuldades de aprendizagem. In: Congresso Nacional de Educação, IX, 2024, João Pessoa. **Anais** [...] João Pessoa: REALIZE EVENTOS CIENTÍFICOS & EDITORA LTDA, 2014. p. 123-145.

DE OLIVEIRA SILVA, Eliabe Bezerra; DE OLIVEIRA, Gislene Farias. Dislexia em Perspectiva: Contribuições da Psicopedagogia e da psicologia. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 10, n. 31, p. 135-146, 2016.

DINIZ, Christiane Fernandes. **Supervisão psicopedagógica em atendimento particular a aluna que apresenta dislexia e alteração no processamento auditivo central: um estudo de caso.** Brasília, 2011.

DOS SANTOS, Calline Palma; SOUSA, Késila Queiroz. A Neuroeducação e suas contribuições às práticas pedagógicas contemporâneas. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 9, n. 1, 2016.

BEZERRA, Elane da Silva; GURGEL, Evanilson. **A importância da afetividade no processo de aprendizagem e sua contribuição para a educação infantil.** 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/aa1eca46-ee0f-453e-87a7-9e555736515d/content>. Acessado em: 04 de Jan de 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. 166 p.

MARQUES, M. C. **Uma visão psicopedagógica da dislexia.** Rio de Janeiro, 2005.

MINEIRO, Márcia; DA SILVA, Mara A. Alves; FERREIRA, Lúcia Gracia. Pesquisa qualitativa e quantitativa: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 31, n. 03, p. 201-218, 2022.

PESTUN, Magda S. Vanzo; CIASCA, Sylvia; GONÇALVES, Vanda Maria Gimenes. A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento: relato de caso. **Arquivos de neuro-psiquiatria**, v. 60, p. 328-332, 2002.

POLESE, Caila Lanfredi; COSTA, Gisele Maria Tonin da; MIECHUANSKI, Graciele Pogorzelski. Dislexia: um novo olhar. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. **Revista de Educação do IDEAU**. Vol. 6 – Nº 13, janeiro – julho, 2011.

SANTIAGO, Ionete Batista; OMODEI, Juliana Dalbem. O papel do professor e a contribuição da psicopedagogia para a inclusão do estudante com dislexia. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**. v. 10, nº 1, p. 33-51, JAN-JUL, 2016.

SANTOS, Cacilda Cuba dos. **Dislexia específica de evolução**. São Paulo: Sarvier, 1987.

SANTOS, Queila Pereira; ALVES, Edsangela Gosler Casciano; ARAUJO, Cláudia Lima de; BUENO, Edinéia; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Inclusão: Educando na diversidade: transformando a inclusão em realidade. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 1, p. 2325-2343, 2025.

SCHIRMER, Carolina R.; FONTOURA, Denise R.; NUNES, Magda L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal da pediatria** – Vol. 80, Nº 2 (supl), 2004.

SOUZA, J. **A dislexia em sala de aula: a função do professor**. Dissertação (graduação em Licenciatura em Pedagogia) Universidade Estadual de Maringá, p. 25. CIANORTE, 2011.

UNESCO. **Manual para garantir inclusão e equidade na educação**. Paris / Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370508>. Acesso em: 29 out. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. **São Paulo**, v. 3, 1984.